

# O ENIGMA

## FIGURADO

**Máira Muhringer Volpe**

provocativa a epígrafe escolhida por Sigmund Freud para sua obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900): “já que no céu nada alcanço, recorro às potências do Inferno”, citação de Virgílio retirada de *Eneida*.<sup>1</sup> Mesmo antes de iniciar a leitura, o autor alerta que caminhos desconhecidos, do inconsciente, serão percorridos. Em outras palavras, Freud faz uma afirmação que hoje pode parecer banal, mas, em seu contexto, é disruptiva: o pensamento não é somente racional, consciente, cartesiano.

Essa obra contribuiu para lançar as bases da psicanálise, como um campo distinto de conhecimento. Tal afirmação, contudo, não significa que seja a obra inaugural: ela está inserida em um projeto mais amplo – que se inicia com a escrita de *Estudos sobre a Histeria* (1893) e *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), entre outros, já publicados naquele momento. Ela avança na elaboração de um arcabouço teórico-metodológico específico e é importante para compreender o ofício do psicanalista. Já na nota preliminar,<sup>2</sup> Freud defende o sonho como um objeto privilegiado por evidenciar o funcionamento do aparelho mental:

“pois no exame psicológico o sonho mostra ser o primeiro termo na série das formações psíquicas anormais de cujos termos seguintes – a fobia histérica, as ideias obsessivas e as delirantes – o médico precisa se ocupar por motivos práticos. [...] quem não souber explicar

a origem das imagens oníricas também se esforçará em vão por compreender as fobias, as ideias obsessivas e as delirantes, e, eventualmente, exercer uma influência terapêutica sobre elas.” (Freud, 2013, p. 3)

Ainda hoje é também provocativa a ideia defendida por Freud de que o sonho tem um sentido oculto e seu conteúdo é passível de ser interpretado por meio de um procedimento científico – haja vista como o sonho é considerado e interpretado de diferentes maneiras no senso comum.<sup>3</sup> Diz Freud,

“Se eu perguntar ao paciente ainda sem prática o que lhe vem à mente acerca de um sonho, em geral ele não consegue apreender nada em seu campo de visão intelectual. Preciso lhe mostrar o sonho em partes, e então ele me apresenta uma série de ideias a propósito de cada parte, que podemos chamar de “pensamentos ocultos” [...] toma o sonho desde o princípio como algo composto, como um conglomerado de formações psíquicas.” (Freud, 2013, p. 125)

“Meu procedimento, afinal, não é tão cômodo quanto o do método popular de decifração, que traduz o conteúdo onírico seguindo uma chave fixa; [...] o mesmo conteúdo onírico, para pessoas

1 No original: “*Flectere si nequeo superos. Acheronta movebo*”.

2 A edição de *A Interpretação dos Sonhos* utilizada neste texto é a traduzida por Renato Zwick (Porto Alegre: L&PM, 2013).

3 O premiado filme *Duna*, uma produção estadunidense lançada em 2021, por exemplo, explora uma dessas maneiras ao trazer os sonhos de um personagem como uma previsão de futuro. Ao final do “livro dos sonhos”, Freud (2013) afirma justamente o contrário: o valor do sonho “para o conhecimento do passado” (p. 636).



diferentes e em contextos diferentes, também possa ocultar um sentido diverso. Dessa forma, dependendo de meus próprios sonhos como de um material abundante e cômodo que provém de uma pessoa mais ou menos normal e se refere a acontecimentos variados da vida cotidiana.” (Freud, 2013, p. 126)

Esses dois trechos são densos e permitem chamar a atenção para noções que são desenvolvidas de maneira detalhada ao longo da obra. Freud (2013) mostra ao leitor seu “procedimento”, ou seja, a interpretação dos sonhos como um modelo para analisar conteúdos trazidos numa sessão – “ele [o sonhador] me apresenta uma série de ideias a propósito de cada parte”, isto é, o analisando associa ideias a partir do relato do sonho. É por meio dessa justificativa – a chave de decifração de um sonho depende de cada sonhador –, que o autor abre mão de trabalhar com sonhos retirados da literatura ou coligidos por fontes desconhecidas, para analisar seu próprio conteúdo onírico. Ademais, outra

vantagem estaria no fato de que os sonhos de seus pacientes estariam “sujeitos a complicação indesejável causada pela mescla de características neuróticas” (p. 3), e ele, por se considerar “uma pessoa mais ou menos normal”, estaria supostamente afastado de tal complicação. A despeito do embaraço em expor intimidades de sua vida psíquica, Freud ressalta, no prefácio à segunda edição de 1908, “outra importância subjetiva” que a publicação do livro lhe proporcionou: “ele se mostrou como uma parte de minha autoanálise, como minha reação à morte de meu pai, ou seja, ao acontecimento mais significativo, à perda mais incisiva, na vida de um homem” (p. 6).

Outra noção importante desses trechos, desenvolvida no livro, é a de trabalhar o sonho “em partes” (e não considerar seu conteúdo como um todo), pois o sonho é tido como um “composto” de formações psíquicas. Outra noção diz respeito aos “pensamentos ocultos”. O método proposto permitiria, partindo do “conteúdo onírico manifesto”, desvendar o que está oculto, os “pensamentos

oníricos”, ou o “conteúdo onírico latente”. O sonho é considerado por Freud (2013) como um rébus, um “enigma figurado” (p. 300): “o conteúdo onírico se apresenta a nós como uma tradução dos pensamentos oníricos numa outra forma de expressão, cujos signos e leis sintáticas devemos chegar a conhecer pela comparação entre o original e a tradução” (p. 299).

Freud (2013) investiga, portanto, os processos que levaram os pensamentos oníricos latentes a se transformar no conteúdo onírico manifesto, destacando o trabalho de “condensação” e de “deslocamento” do material psíquico, bem como a “sobredeterminação”, ou seja, como elementos do conteúdo onírico estão representados de várias maneiras nos pensamentos oníricos. Segundo o autor, condensação e deslocamento são “os dois mestres de obras a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a configuração do sonho” (p. 331). A atemporalidade e a ausência de oposição ou contradição no sonho são outros elementos trazidos por Freud para pensar a configuração dos conteúdos do sonho.

Ao analisar o chamado “sonho da injeção de Irma”, o primeiro entre muitos trabalhados no livro, Freud (2013) ensina como se realiza uma interpretação propriamente psicanalítica e fornece uma importante afirmação: “o sonho apresenta um certo estado de coisas tal como eu poderia desejá-lo” (p. 140); adiante: “o sonho realmente tem um sentido e de forma alguma é a expressão de uma atividade cerebral fragmentada [...] Depois de completado o trabalho de interpretação, o sonho é uma realização de desejo” (p. 142, grifos do autor).<sup>4</sup>

Por meio da análise de sonhos de conteúdo desagradável, o autor sofisticava a ideia de que o sonho é a realização de desejo. Ele afirma: “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido, recalçado)” (p. 182, grifos do autor) e infantil (p. 582).

Ao mencionar a realização “disfarçada” de um desejo “reprimido”, Freud (2013) aponta

para forças psíquicas que atuam no aparelho mental; entre elas, uma “instância censora”, “cuja influência até agora reconhecemos apenas por restrições e omissões no conteúdo onírico, também responsável por inserções e ampliações desse conteúdo” (p. 515).

Na última parte do livro, o autor se dedica ao funcionamento do aparelho psíquico. Para ele, a interpretação dos sonhos é “a via régia para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica”. O sonho não é, porém, a única manifestação do inconsciente. Diz,

*“Todo sonho pode ser uma realização de desejo, mas ainda têm de existir, além dos sonhos, outras formas anormais de realização de desejo. E, de fato, a teoria dos sintomas psiconeuróticos culmina na tese de que eles também devem ser compreendidos como realizações de desejo do inconsciente.”* (Freud, 2013, p. 597, grifos do autor)

A partir da análise do sonho se avança na compreensão do funcionamento mental, na formação dos sintomas, fantasias, lembranças. Ela ilumina o jogo de forças no interior do aparelho psíquico, a dinâmica entre os sistemas consciente e inconsciente.



**Maira Muhringer Volpe** é membra do Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

<sup>4</sup> Freud não tem a pretensão de descobrir o “sentido completo” do sonho, tampouco afirma que não existam lacunas em sua interpretação – “todo sonho tem pelo menos um ponto em que é insondável, um umbigo [...] que o liga ao desconhecido”. (Freud, 2013, p. 132)